

M. PATRÃO-NEVES

EFEMÉRIDE
CRÓNICA



UNIVERSIDADE DOS AÇORES
PONTA DELGADA • 1990

SUMÁRIO

ENES, José	
<i>Noeticidade do Discurso Transcendental</i>	7
LUZ, José Luís Brandão da	
<i>Piaget e a Filosofia Moderna do Conhecimento</i>	41
PATRÃO-NEVES, M.	
<i>Filosofia e Tradição</i>	73
AMARAL, Carlos Pacheco	
<i>Sob o Signo de Maquiavel: A Nova Ordem da Moral Política</i>	89
ROSA, Eduardo Ferraz da	
<i>Esboço do Percurso do Método da Análise Expectante</i> — <i>Linguagem e Ser em José Enes</i>	111
FRAGA, Gustavo de	
<i>Galileu e a Filosofia</i>	143
EFEMÉRIDE	165
CRÓNICA	171
RECENSÕES CRÍTICAS	175

E F E M É R I D E

HENRI BERGSON: Uma Filosofia da Consciência, da Vida e do Espírito

*«Filosofar consiste em inverter
a direcção habitual
do trabalho do pensamento»*

La Pensée et le Mouvante.
Paris, Alcan, 1934, p. 214.

O ano de 1889 assinala a publicação de *Essai sur les données immédiates de la conscience* (cuja tradução portuguesa está disponível no mercado desde 1988), a primeira grande obra de Bergson que o colocará num plano de destaque da cena filosófica durante cerca de cinquenta anos. Hoje, um século volvido sobre este evento, justifica-se e aplaude-se a sua comemoração organizada pelo Departamento de Filosofia da Universidade Blaise de Pascal, em Clermond-Ferrand, para os dias 17 e 18 de Novembro. Este Colóquio, dedicado ao *Ensaio*, terá como presidente de honra Henri Gouhier (da Academia Francesa e da Academia de Ciências Morais e Políticas, Professor honorário de História do pensamento religioso na Sorbonne) e procurará reencontrar a expressão originária do pensamento de Bergson quando este não era ainda o bergsonismo, bem como indicar algumas das grandes linhas segundo as quais se desenvolveu, no próprio local em que os problemas foram colocados pela primeira vez.

Henri Bergson nasceu em Paris a 18 de Outubro de 1859. Aluno do liceu de Condorcet cedo se revela como um estudante brilhante, dotado de um notável eclectismo bem manifesto pelos prémios de honra com que é distinguido: o de retórica e o de matemática. Contrariando o conselho formal do seu professor de matemática enceta, em 1878, os estudos que o conduzirão à agregação em filosofia. Será depois professor no liceu de Angers entre 1881-83 e no liceu de Clermont-Ferrand até 1888, tendo também sido encarregado de curso na Faculdade de Letras desta cidade. O ano que se segue, e cujo centenário agora se assinala, é o da apresentação da sua tese de doutoramento e também o do início da sua consagração como pensador original.

Bergson prosseguirá a sua leccionação no colégio Rollin e no liceu Henrique IV, em Paris, entre 1890-98, sendo então nomeado Mestre de Conferências na Escola Normal Superior. Em 1900 é-lhe confiada uma cadeira de Filosofia no Colégio de França. Ao longo deste período o seu prestígio e mesmo fama não deixam de aumentar. A sua presença reúne sempre um público numeroso e diversificado, constituído não só por filósofos de profissão mas também por pessoas de diferentes formações académicas e com interesses múltiplos. Este auditório, entusiasta e atento, é atraído por um pensamento novo, expresso numa linguagem simultaneamente profunda e acessível, subtil e simples, enriquecida por metáforas que, evocando a natureza ou imagens do quotidiano, facilmente estabelecem a ligação entre a realidade concreta e a reflexão filosófica sobre a mesma. A filosofia liberta-se do elitismo a que parecia destinada para, de certo modo, se popularizar. Sem que tenha perdido em finura ganhou em motivações.

Bergson notabilizou-se, assim, pelo valor do seu pensamento filosófico divulgado através do ensinamento público, em França e no estrangeiro (sobretudo em países anglo-saxónicos), e do conjunto da sua obra (não muito longa pois, de acordo com o autor, escrever só se justifica quando

se tem algo de diferente para dizer), que lhe valeu a atribuição do prémio Nobel da Literatura, em 1928. Além disso, também a dignidade moral que sempre revelou e que lhe mereceu a indigitação para várias missões diplomáticas oficiais, em particular durante a primeira grande guerra, contribuiu para o seu reconhecimento como figura proeminente do seu tempo. Quando Bergson morre, a 4 de Janeiro de 1941, a glória era já uma conquista de vida.

Hoje, o encantamento que Bergson exerceu pertence já ao passado, mas as suas obras preservam os elementos desse fascínio. *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1889), *Matière et Mémoire* (1896) e *L'Évolution Créatrice* (1907), os três textos mais relevantes da bibliografia bergsoniana, aparecem-nos como um *crescendum* em que uma mesma doutrina se vai desenrolando progressivamente, desenvolvendo uns aspectos e introduzindo outros, ganhando diferentes matizes e tornando-se cada vez mais polifacetada, ampliando continuamente o domínio de reflexão considerado. Assim, por exemplo, o eu é sucessivamente tomado na sua interioridade (1889), perspectivado na relação corpo e espírito que o constitui (1896) e integrado no fluxo universal da vida, na evolução cósmica de que faz parte (1907). O filósofo irá mesmo mais longe, em *Les deux sources de la morale et de la religion*, de 1934, expandindo a sua reflexão ao domínio da moral e a partir daí apontando o destino espiritual do homem. E, todavia, a motivação bergsoniana não é antropológica.

Procurando sempre apoio na ciência do seu tempo, principalmente na biologia e na psicologia de que possuía bons conhecimentos, exprimindo-se numa linguagem poética e estruturando o real num dualismo metodológico, Bergson esforça-se por captar a *essência profunda da realidade*. Ora tal só será possível a partir de uma conversão da nossa atenção, invertendo o seu sentido da exterioridade para a interioridade do eu. Por isso o filósofo apela ao retorno

do sujeito a si mesmo através do aprofundamento da consciência. Esta, capaz de se isolar do mundo exterior por meio de um esforço de abstracção, apreende directa e imediatamente a realidade do eu, não como um dado mas como um dinamismo contínuo, não mesmo como substância que pode passar por diferentes estados, mas como o próprio movimento. Por sua vez, a vida descobre-se como devir indivisível e ininterrupto que se inventa a cada instante, e o real como movimento criador. Mudar é inovar, concretizar o imprevisível, criar permanentemente. E ser mudança, ser movimento, ser é, afinal, *durar*.

Em síntese, trata-se de um percurso filosófico que parte de uma concepção de vida psíquica e a transpõe para a vida em geral. O eu é *duração concreta*, a essência profunda da realidade é *espírito criador*.

Ora a «duração real» só é susceptível de intuição não sendo alcançada pela inteligência. A inteligência, faculdade adaptada à acção e dirigida para o que é útil, encontra-se ao serviço da ciência e empenhada no que é de ordem quantitativa, no homogéneo, no exterior. Em contrapartida, a intuição, capaz de penetrar no que é de natureza plástica, fluida, graças ao seu carácter directo e imediato, é a faculdade própria da filosofia cuja motivação ultrapassa o mensurável, o extenso para se dedicar à autenticidade da ordem do qualitativo, do heterogéneo, da interioridade. A inteligência, exercendo-se por meio da análise, solidifica o real compartimentando-o, tornando-o operativo e funcional. A intuição, na sua visão simples, acede ao real acompanhando-o no seu progresso indefinido e inédito. Tal como numa melodia, que a inteligência compreende como um conjunto de sons justapostos comunicáveis através da inscrição de notas numa pauta, é a sua musicalidade captada pela intuição que verdadeiramente importa e em que consiste a sua realidade.

Assim se acentua a dualidade entre a intuição e a inteligência, entre a filosofia e a ciência, entre a espontaneidade,

liberdade, evolução criadora e a necessidade, entre o mundo do tempo e o mundo do espaço, entre a duração e a extensão, entre o espírito e a matéria. Paralelamente destaca-se o carácter criador da vida do espírito.

Brevemente, o bergsonismo define-se como uma filosofia da *intuição da duração* e do *élan vital*. Não se trata de um intuicionismo, como de forma simplista e reducionista frequentemente se designa, mas da intuição da duração, que Bergson indica como sendo o centro da sua doutrina, e que enuncia uma concepção do ser e do real bem como uma doutrina do conhecimento. É também um pensamento metafísico que se apresenta condensado na expressão «élan vital», dinamismo livre e criador que propaga e orienta a vida, corrente de consciência que percorre a matéria, força evolutiva de estrutura vital e animação espiritual.

Essai sur les données immédiates de la conscience contém em gérmen as teses fundamentais do pensamento bergsoniano, pelo que a sua leitura é indispensável e prévia a qualquer estudo sobre esta filosofia. Aqui o autor apresenta-se, desde o início, como opondo-se à filosofia tradicional de inspiração empirista, racionalista e relativista, critica o cientismo da época e rejeita o modelo matemático para a filosofia à maneira cartesiana, que substitui pelo modelo das ciências da vida. Simultaneamente propõe uma nova abordagem do real, caracterizada por uma inversão do sentido do pensamento via interioridade e pelo método da intuição. Assim, no primeiro capítulo do texto, Bergson insiste sobre a noção de intensidade dos estados psicológicos, para vir a mostrar que os dados da consciência, a originalidade da vida interior, só se apreendem intuitivamente. No segundo, reflecte sobre a ideia de duração, duração em que consiste a vida da consciência e o próprio eu. E ambos os capítulos preparam o terceiro, cujo tema fundamental, «tempo e liberdade», domina toda a obra. Aí o problema da liberdade é afirmado como um falso

problema, mediante a concepção bergsoniana de tempo e da vida como duração real, ou seja, como já vimos, o permanentemente novo e imprevisível.

Foi *Essai sur les donnés immédiates de la conscience* a obra que lançou as bases do que viria a ser divulgado, nas primeiras décadas do século XX, como «a filosofia nova», uma filosofia da consciência, da vida e do espírito.

Ponta Delgada, 1989

M. Patrão-Neves